

Levantamento dos Recursos Florestais do Seringal São Salvador, Município de Mâncio Lima, AC



República Federativa do Brasil

Fernando Henrique Cardoso
Presidente

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Marcus Vinícius Pratini de Moraes
Ministro

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa

Conselho de Administração

Márcio Fortes de Almeida
Presidente

Alberto Duque Portugal
Vice-Presidente

Dietrich Gerhard Quast
José Honório Accarini
Sérgio Fausto
Urbano Campos Ribeiro
Membros

Diretoria-Executiva da Embrapa

Alberto Duque Portugal
Diretor-Presidente

Bonifácio Hideyuki Nakasu
Dante Daniel Giacomelli Scolari
José Roberto Rodrigues Peres
Diretores-Executivos

Embrapa Acre

Ivadir Soares Campos
Chefe-Geral

Milcíades Heitor de Abreu Pardo
Chefe-Adjunto de Administração

João Batista Martiniano Pereira
Chefe-Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento

Evandro Orfanó Figueiredo
Chefe-Adjunto de Comunicação, Negócios e Apoio



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agroflorestal do Acre
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 0104-9046

Dezembro, 2001

Documentos 72

Levantamento dos Recursos Florestais do Seringal São Salvador, Município de Mâncio Lima, AC

Elias Melo de Miranda
Evandro Orfanó Figueiredo

Rio Branco, AC
2001

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Acre

Rodovia BR-364, km 14, sentido Rio Branco/Porto Velho
Caixa Postal, 321
Rio Branco, AC, CEP 69908-970
Fone: (68) 212-3200
Fax: (68) 212-3284
<http://www.cpa fac.embrapa.br>
sac@cpafac.embrapa.br

Comitê de Publicações da Unidade

Presidente: *Murilo Fazolin*

Secretária-Executiva: *Suely Moreira de Melo*

Membros: *Claudenor Pinho de Sá, Edson Patto Pacheco, Elias Melo de Miranda, Flávio Araújo Pimentel, João Alencar de Sousa, José Tadeu de Souza Marinho, Judson Ferreira Valentim, Lúcia Helena de Oliveira Wadt, Luís Cláudio de Oliveira, Marcílio José Thomazini, Tarcísio Marcos de Souza Gondim*

Revisores deste trabalho: *Carlos Maurício Soares de Andrade, Marcus Vinício Neves d'Oliveira* (ad hoc)

Supervisão editorial: *Claudia Carvalho Sena / Suely Moreira de Melo*

Revisão de texto: *Claudia Carvalho Sena / Suely Moreira de Melo*

Normalização bibliográfica: *Gilzelia de Melo Sousa / Elias Melo de Miranda*

Tratamento de ilustrações: *Fernando Farias Sevá / Suelmo de Oliveira Lima*

Editoração eletrônica: *Fernando Farias Sevá / Suelmo de Oliveira Lima*

1ª edição

1ª impressão (2001): 300 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Embrapa Acre.

Miranda, Elias Melo de.

Levantamento dos recursos florestais do Seringal São Salvador, município de Mâncio Lima, AC. / Elias Melo de Miranda, Evandro Orfanó Figueiredo. – Rio Branco : Embrapa Acre, 2001.

32 p. : il. ; 22 cm. – (Embrapa Acre. Documentos ; 72).

1. Inventário florestal. 2. Mapa de vegetação. 3. Manejo florestal. 4. Aspectos gerais. I. Figueiredo, Evandro Orfanó. II. Título. III. Série.

CDD 634.928 (21. ed.)

Autores

Elias Melo de Miranda

Eng. agrôn., M.Sc., Embrapa Acre, Caixa Postal 321, 69908-970,
Rio Branco, AC, elias@cpafac.embrapa.br

Evandro Orfanó Figueiredo

Eng. agrôn., B.Sc., Embrapa Acre, orfano@cpafac.embrapa.br

Sumário

Resumo	7
Introdução	8
Contextualização dos Recursos Florestais em Áreas de Assentamento Rural.....	8
Caracterização Geral da Área	9
Metodologia	13
Principais Resultados	15
Considerações Finais	19
Referências Bibliográficas	20
Anexo I	21
Anexo II	22
Anexo III	23
Anexo IV	24
Anexo V	25

Levantamento dos Recursos Florestais do Seringal São Salvador, Município de Mâncio Lima, AC¹

Elias Melo de Miranda
Evandro Orfanó Figueiredo

Resumo

O antigo Seringal São Salvador, com uma área de cerca de 28.249 ha, localiza-se às margens do Rio Môa no município de Mâncio Lima, AC. A gleba faz parte da área de entorno do Parque Nacional da Serra do Divisor. Nesta localidade foi desenvolvida a primeira fase de um projeto visando aplicar um modelo de assentamento rural sustentável para a Amazônia Ocidental, baseado em um planejamento integrado dos recursos naturais, visando à obtenção de maior produtividade e melhoria no padrão de vida dos pequenos produtores, dentro de critérios de sustentabilidade econômica, ecológica e social.

O objetivo deste trabalho foi executar um levantamento dos recursos florestais da área, realizando-se um inventário florestal sistemático com as parcelas sendo alocadas em função da tipologia florestal. Foi constatado um volume médio total de 135,9 m³/ha (DAP > 10 cm). Considerando apenas as espécies madeireiras de valor comercial atual e DAP > 50 cm, tem-se um volume aproveitável de 12,4 m³/ha e um estoque (10 cm < DAP < 50 cm) de 13,7 m³/ha, caracterizando a floresta como de baixo potencial para o manejo florestal madeireiro. Quanto a produtos não-madeireiros potenciais, foi constatada a presença de várias espécies de palmeiras, bem como de espécies para usos diversos, tais como: copaíba, andiroba, pau-d'arco, catuaba e cipó unha-de-gato. Com base nos dados levantados, pretende-se elaborar um projeto de manejo florestal de uso múltiplo para a exploração sustentada dos recursos existentes na área. A partir dessa experiência piloto e pioneira de assentamento, espera-se chegar a um modelo de reforma agrária adequado às peculiaridades regionais, atingindo a tão esperada fixação do homem ao campo com garantia da qualidade de vida e manutenção das funções ambientais.

¹Trabalho desenvolvido com recursos do Prodetab.

Introdução

O fracasso da maioria dos projetos de assentamento rural ocorre porque nem sempre são consideradas, no momento da concepção das atividades, as necessidades e anseios das comunidades e nem são realizados estudos que proporcionem um conhecimento adequado dos recursos naturais da região.

A floresta tropical sempre foi considerada como um empecilho para os modelos de assentamento propostos. Ao desprezar as características biofísicas da localidade onde será realizado o assentamento, promove-se uma série de desequilíbrios gerando problemas de várias ordens, dentre os quais destacam-se: os altos custos de infra-estrutura para instalação do projeto; alocação de famílias em locais com solos inapropriados, dentre outros. Os problemas gerados pela desconsideração dos recursos florestais no processo de planejamento acarretam, na maioria das vezes, a conversão de áreas com elevada biodiversidade e alto valor econômico florestal em sistemas produtivos inadequados para a região. Se bem utilizado, mediante manejo florestal sustentado, este recurso poderia tornar-se uma fonte de renda importante para o orçamento da unidade produtiva familiar.

Este trabalho objetiva levantar o potencial florestal do Seringal São Salvador, município de Mâncio Lima, oeste do Estado do Acre, numa área de 28.249 ha, com a finalidade de viabilizar o manejo florestal na região, de maneira a garantir a qualidade de vida dos produtores rurais, contribuindo para manutenção dos ecossistemas amazônicos.

Contextualização dos Recursos Florestais em Áreas de Assentamento Rural

O poder público, por meio das instituições responsáveis pela execução da reforma agrária na Amazônia brasileira, importou um modelo técnico europeu concebido no século XV, no qual se faz demarcação dos lotes rurais de assentamento mediante o desenho de figuras geométricas. Para o caso amazônico, os lotes são alocados num ecossistema florestal em que a alta biodiversidade e complexidade de relações inter e intra-específicas são regras, gerando impactos ambientais negativos de grande magnitude. Estes lotes recebem geralmente a forma de retângulos, com tamanho padrão, não considerando, na definição do uso da terra, as características dos recursos naturais relativas a solos, relevo, drenagem natural e principalmente o potencial econômico da cobertura florestal.

Atualmente, os assentados também assumem um papel de desbravadores e facilitadores da retirada da floresta a fim de instalar pastagens para produtores mais capitalizados. Este processo inicia-se com a ocupação do lote de assentamento pelo trabalhador rural, cuja única alternativa para manter sua família é a retirada da floresta, visando à produção de grãos e tubérculos com baixo capital e insumo. No decorrer deste processo, quando o agricultor consegue negociar a madeira existente na área convertida, esta é comercializada por valores insignificantes, inclusive árvores de espécies nobres, que possuem alto valor de mercado. Esta situação contribui para construir uma visão equivocada sobre o valor econômico da floresta, considerando-a apenas mais um inconveniente para produção. Estes fatores, aliados a uma política agrícola inadequada para produção familiar, geram a reconcentração de terras em mãos de produtores mais capitalizados.

A visão equivocada do valor econômico da floresta, desde a fase de concepção do projeto de assentamento até o conceito distorcido que o assentado tem sobre os recursos florestais, acarreta a queima de aproximadamente 400 árvores/ha, que poderiam gerar riquezas à comunidade, seja pela produção madeireira ou não-madeireira.

Caracterização Geral da Área

Localização da Área

O Seringal São Salvador (Fig. 1) localiza-se no município de Mâncio Lima, no Estado do Acre, ocupando uma área de cerca de 28.249 ha, cortada de leste a oeste pelo Rio Môa.

A gleba São Salvador limita-se a oeste com a terra indígena Nukini, o Seringal Valparaíso e o igarapé Timbaúba; ao norte com o Estado do Amazonas; a leste com os Seringais Monte Belo e Belo Monte; e, ao sul, com o Seringal Fortaleza.



Fig. 1. Localização do Seringal São Salvador (polígono vermelho) no município de Mâncio Lima (verde-claro), Acre.

Clima

A área de estudo está inserida em uma região de índices elevados de precipitação pluviométrica, tendo como limites 1.750 a 2.750 mm anuais. O período chuvoso inicia-se em setembro, prolongando-se até maio e/ou junho. A temperatura média anual atinge 24°C e a umidade relativa 90%. Segundo a classificação de Köppen, a área tem clima pertencente ao grupo A (clima tropical chuvoso), abrangendo o tipo climático Am (chuvas do tipo monção), que apresenta uma estação seca de pequena duração (Brasil, 1977).

Geologia e Geomorfologia

A formação dominante na área de estudo é a Formação Solimões, que foi constituída no Quaternário e Aluvião, ocorrente nas áreas de influência dos Rios Môa e Azul, principais redes de drenagem na área (Brasil, 1977).

Na região, com predominância de colinas em diferentes graus de dissecação, ocorrem os Alissolos no topo e os Plintossolos nos vales das superfícies geomorfológicas. Nas margens dos rios em planícies aluviais, ocorrem, principalmente, os Neossolos Flúvicos.

A unidade morfoestrutural dominante na área é a depressão Rio Acre–Rio Javari, que corresponde à área de interflúvio dos Rios Acre e Javari. A feição geomorfológica, predominantemente colinosa com altimetria de 250 m, é homogênea em toda área por onde essa unidade se desenvolve.

Vegetação

De acordo com a classificação feita por Brasil (1977), ocorre na área, predominantemente, floresta tropical aberta, que se caracteriza por apresentar árvores de grande porte, bastante dispersas, freqüentemente com agrupamentos de palmeiras, e grande quantidade de plantas fanerófitas sarmentosas, que envolvem as árvores e cobrem inteiramente o estrato inferior. Nesta área, a vegetação está subdividida em duas formações: floresta dos baixos platôs da Amazônia e floresta aluvial das bacias dos Rios Javari e Juruá.

Uso Atual da Terra

Segundo as observações de campo e interpretação de imagem Landsat TM 7, do ano de 1999, o uso atual da terra (Fig. 2), na área de estudo, ocorre de acordo com a seguinte classificação:

Florestas primárias – compreendem áreas de floresta, onde foi ou estão sendo exploradas as espécies florestais de valor econômico, de forma muito incipiente. Correspondem a 95,9% da área total do Seringal São Salvador.

Florestas secundárias – correspondem a 2,8% da floresta e estão cobertas pela vegetação que surge com o abandono da terra, após o uso agrícola ou pecuário, descaracterizando a vegetação primária.

Áreas em uso – representam áreas onde a vegetação existente foi derrubada e queimada, com a finalidade de se implantar agricultura ou pecuária. Correspondem a 1,3% da área total do Seringal São Salvador.

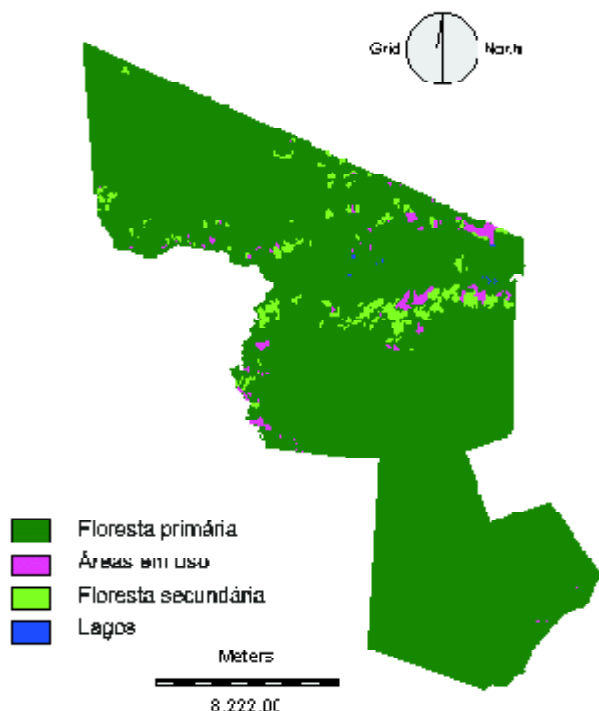


Fig. 2. Uso atual da terra no Seringal São Salvador, município de Mâncio Lima, Acre, 1999.

Hidrografia

O Seringal São Salvador é cortado pelo Rio Môa, no sentido leste-oeste, constituindo-se em sua principal via de acesso. Tem como principais afluentes o Rio Azul e o igarapé Timbaúba, que são vitais para a população local, principalmente como via para o escoamento da produção. Apresenta uma boa navegabilidade durante boa parte do ano. Existem também, pequenos igarapés, os quais são importantes para a pesca e como fonte natural de água, além de grandes lagos.

Metodologia

Para o levantamento do potencial da cobertura vegetal da área do Seringal São Salvador, utilizou-se como instrumento o inventário florestal. O método utilizado foi amostragem sistemática estratificada com base nas diferentes tipologias florestais.

Com auxílio de imagens de satélite Landsat, foram identificadas e delimitadas as principais tipologias florestais existentes na área, obtendo-se assim o mapa de tipologias com estimativa de dimensão espacial. Após este procedimento, foram distribuídas estações amostrais em áreas representativas de cada tipologia (Fig. 3).

Em cada uma das estações amostrais foram lançadas, sistematicamente, unidades amostrais de dois estágios. O primeiro estágio formado por unidades amostrais, na forma de retângulo de 10 x 250 m, distribuídas com intervalos determinados pela relação entre significância amostral (S_a) e número de unidades amostrais, denominada de Intervalo K (Scolforo, 1993). Foram medidos e identificados, por meio de identificadores botânicos práticos (mateiros), todos os indivíduos com diâmetro à altura do peito (DAP) acima de 10 cm. O segundo estágio amostral foi o diagnóstico da regeneração natural, por meio de parcelas de 10 x 10 m alocadas nos primeiros metros de cada unidade amostral primária. Nestas parcelas foram medidos e identificados todos os indivíduos com altura maior que 0,5 m e $DAP < 10$ cm.

O volume foi calculado utilizando-se a seguinte equação (Funtac, 1995):

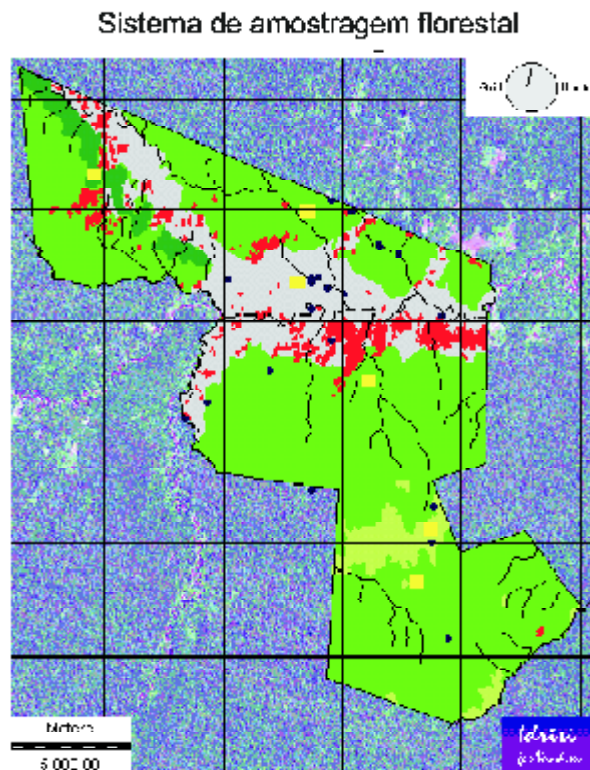
$$V = 0,000308 \cdot (D)^{2,1988}$$

Onde:

V = volume em m^3 .

D = diâmetro à altura do peito (DAP) em cm.

A alocação das unidades amostrais nos estratos florestais foi proporcional a sua área, distribuindo-se conforme Fig. 3.



Leg.	Descrição das variações da cobertura do solo	Área hectare	% da área total	% área amostrada	Nº de unidades amostrais
	Estações amostrais				
	Ação antrópica e florestas secundárias	1.189,3	4,2	0	0
	Florestas de várzea – forte pressão antrópica	5.222,5	18,5	19,3	28
	Tipologia I – Floresta tropical densa	853,9	3	3,2	8
	Tipologia II – Floresta tropical aberta, com faciações de floresta densa	20.042,3	70,9	74,1	112
	Tipologia III – Floresta aberta com bambu	940,9	3,3	3,5	8
Área total do Seringal São Salvador		28.249	100	-	-
Área total foco do diagnóstico florestal		27.059,8	95,8	100	156

Fig. 3. Planejamento do sistema de amostragem baseado na interpretação preliminar de imagem de satélite.

Principais Resultados

Análise do Inventário

Devido a problemas de logística no campo (principalmente dificuldade de acesso), não foi possível estabelecer a estação amostral na tipologia florestal 1, correspondente a uma área de 853,92 ha de floresta tropical densa (Fig. 3), ficando a área total inventariada reduzida a 26.205,84 ha, sendo estabelecidas 148 unidades amostrais de 10 x 250 m, o que representou uma intensidade amostral de 0,141%.

A área inventariada apresentou volume médio de 135,93 m³/ha, para uma média de 170 árvores por hectare, e área basal de 15,28 m². Para o cálculo destes índices foram considerados todos os indivíduos de espécies arbóreas com DAP > 10 cm. Na Tabela 1 constam os dados estatísticos do inventário, o qual apresentou uma variância de 3,38 e um erro de inventário de 0,83%. Os dados foram analisados conforme Scolforo (1993), seguindo os procedimentos de análise para amostragem estratificada com distribuição sistemática das estações amostrais e das parcelas dentro destas, método segundo o qual o inventário foi delineado.

Tabela 1. Estatística descritiva para os dados de volume de madeira obtido no inventário florestal realizado no Seringal São Salvador, Mâncio Lima, AC, 1999.

Área (hectare)	26.205,84
Variância média	3,38
Desvio padrão médio	1,75
Erro padrão da média (m ³ /parcela)	0,14
Erro padrão da média (%)	0,42
Erro do inventário (m ³ /parcela)	0,28
Erro do inventário (%)	0,83
Intervalo de confiança (m ³ /parcela)	33,70~34,26
Intervalo de confiança (m ³ /ha)	134,80~137,05
Volume médio (m ³ /ha)	135,93
Coeficiente de variação (%)	5,15
Volume de estoque (m ³ /ha)	80,76
Volume comercial (m ³ /ha)	55,17
Número de árvores/ha	170

A distribuição diamétrica da floresta do Seringal São Salvador (Fig. 4) apresenta-se, em geral, bastante equilibrada, semelhante à de Poisson, que se caracteriza por apresentar um número muito grande de indivíduos nas classes de diâmetro inferior e poucos indivíduos nas classes de maiores diâmetros, como é comum nas florestas tropicais.

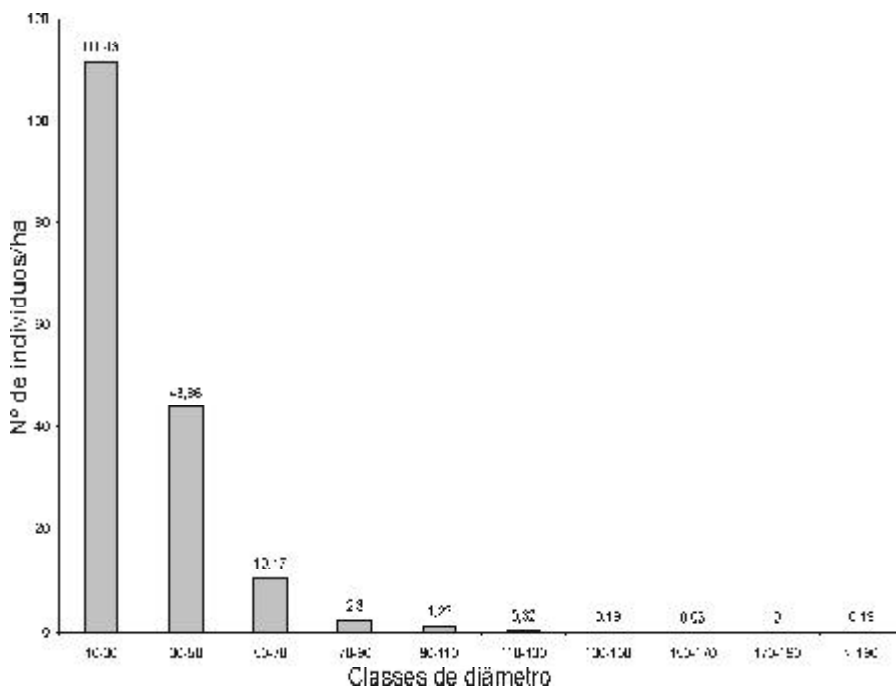


Fig. 4. Curva de distribuição diamétrica das árvores (DAP > 10 cm) no Seringal São Salvador.

Individualmente, algumas espécies presentes na área apresentam distribuição bastante regular, com a presença de indivíduos em todas ou quase todas as classes de diâmetro e abundância relativamente elevada. Entre estas citam-se: o amarelão (*Aspidosperma vargasii*), angelim (*Hymenolobium* sp.), angico (*Parkia* sp.), bálsamo (*Myroxylon balsamum*), burra-leiteira (*Sapium marmieri*), cedro (*Cedrela odorata*), feijão-bravo (*Ormosia* sp.), freijó (*Cordia* sp.), macacaúba (*Platimiscium dukei*), maçaranduba (*Manilkara* sp.), moela-de-mutum (*Quiina juruana*), pau-sangue (*Pterocarpus* sp.), samaúma-de-tabocal (não identificada), samaúma-preta (*Ceiba samauma*), taboarana (*Alseis* sp.) e xixá (*Sterculia* sp.).

Outras espécies apresentam distribuição irregular, com os indivíduos concentrando-se nas classes de estoque, ou apresentam problemas de regeneração, com os indivíduos concentrando-se nas classes de maior diâmetro. Na floresta inventariada, verificou-se apenas a primeira situação, ou seja, abundante regeneração e ausência de indivíduos maduros (DAP > 50 cm). Entre estas espécies destacaram-se: abiurana-preta (*Ecclinusa* sp.), acariquara (*Minquartia guianensis*), acariquarana (*Siparuna* sp.), andiroba (*Carapa guianensis*), breu-de-leite (*Thyrsodium herrrense*), canela-de-veado (*Amaioua* sp.), gema-de-ovo (não identificada), mututi (*Tapura juruana*), pau-d'arco (*Tabebuia* sp.), pirarara (*Metrodorea flavida*), taxi-preto (*Tachigali paniculata*) e ucuuba-puña (*Iryanthera* sp.).

Na Tabela 2 constam os dados referentes à distribuição horizontal das espécies, por tipologia, classificadas em madeireiras (espécies arbóreas em geral) e comerciais (espécies madeireiras com valor de mercado atual). Nesta mesma Tabela observa-se a distribuição volumétrica da floresta, com as espécies sendo divididas em comerciais (DAP > 50 cm) e estoque (10 < DAP < 50 cm). Considerando-se todas as espécies arbóreas presentes na área com DAP > 50 cm tem-se um volume de 55,17 m³ e um estoque de 80,76 m³, totalizando os 135,94 m³ encontrados na área. Se forem cruzados os dados das espécies madeireiras de valor comercial atual (mercado para consumo interno e exportação) e com DAP > 50 cm, tem-se um volume total de apenas 12,62 m³ e 18,3 m³ como volume de estoque. As espécies comerciais apresentaram uma média de 16,39 árvores por hectare, correspondendo aproximadamente a 10% dos indivíduos de espécies madeireiras da floresta.

Analisando-se a regeneração natural, nas subparcelas (10 x 10 m), foi encontrada uma média de 2.468 plantas por hectare, considerando aquelas entre 0,5 m de altura e 10,0 cm de DAP. Algumas das espécies comerciais apareceram na regeneração natural, ainda que em pequeno número: breu-vermelho, angelim, mulateiro, jitó, samaúma, catuaba, freijó e tauari.

Na Tabela 2, observa-se que o volume de estoque (DAP < 50 cm) é, em geral, superior ao volume comercial, indicando que esta floresta pode ser beneficiada pela redução da área basal, por meio da retirada da madeira na exploração, e pela aplicação de tratamentos silviculturais. A redução da área basal poderia proporcionar um maior crescimento das árvores do estoque,

reduzindo o ciclo de corte e garantindo a sustentabilidade do manejo florestal. O crescimento da floresta deve ser monitorado e, em caso de necessidade, incrementado por meio de tratamentos silviculturais adequados.

Tabela 2. Distribuição horizontal e total de espécies por categoria nas diferentes tipologias. Inventário florestal do Seringal São Salvador, Mâncio Lima, AC.

	Abundância		Dominância		Volume (m ³ /ha)		
Total de espécies	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa	Estoque	Comercial	Total
Floresta aberta	169,15	100	15,24	100	90,56	51,93	142,48
Madeireiras	149,52	88,39	12,26	80,44	68,92	41,06	109,98
Comerciais	19,63	11,6	2,98	19,55	21,63	10,87	32,5
Floresta de bambu	149,14	100	13,42	100	84,83	51,08	135,91
Madeireiras	132,57	88,89	11,9	88,67	62,04	40,77	102,81
Comerciais	16,57	11,11	1,52	11,33	22,79	10,31	33,1
Floresta de várzea	191,89	100	17,03	100	66,91	62,51	129,42
Madeireiras	178,93	93,25	14,36	84,32	56,17	45,81	101,98
Comerciais	12,96	6,75	2,67	15,68	10,73	16,7	27,43
Média geral	170,06	100	15,23	100	80,76	55,17	135,93

Quanto a produtos não-madeireiros potenciais, foi constatada a presença de várias espécies de palmeiras e de outras espécies como: copaíba, andiroba, pau-d'arco e catuaba, conforme pode ser observado nos Anexos I e II. Observações na área também indicam a presença do cipó unha-de-gato (*Uncaria tomentosa* e *U. guianensis*) e outras espécies medicinais com mercado e bom potencial de manejo na área.

No Anexo III consta um levantamento preliminar da fauna silvestre da região, feito paralelamente ao inventário florestal, usando-se a mesma área amostrada, sendo estabelecidos como indicadores o contato visual e outras evidências da presença dos animais (rastros, tocas, fezes, etc.). Observaram-se indícios de razoável presença de animais silvestres na área, constituindo-se em mais um recurso que pode ser manejado pela comunidade local, de forma sustentada, com reflexos na melhoria da qualidade de vida da população.

Um mapa das tipologias florestais da área é apresentado no Anexo IV, com uma interpretação mais detalhada de imagem de satélite, confrontada com as informações do inventário florestal.

No Anexo V consta uma lista de espécies presentes na área amostrada no Seringal São Salvador, de acordo com os dados de ocorrência registrados no inventário florestal.

Considerações Finais

A floresta do Seringal São Salvador apresenta, como característica, média a baixa volumetria, indicando, de modo geral, um regular a baixo potencial para o manejo florestal madeireiro. Entretanto, observa-se uma razoável presença de árvores de valor comercial nas classes de estoque ($DAP > 50$ cm), com volumetria superior às classes de maior diâmetro, sendo uma indicação de que o manejo florestal na área pode ser tecnicamente viável com a adoção de técnicas de impacto reduzido durante as operações de exploração, bem como com a aplicação de tratamentos silviculturais que favoreçam o crescimento dos indivíduos presentes nas classes de estoque. Para isso, deve-se monitorar a dinâmica e estrutura da floresta e definir os tratamentos silviculturais mais adequados, em função dos resultados obtidos após a primeira exploração.

Como a área destina-se a assentamento rural e em função das suas características, o manejo florestal comunitário de impacto reduzido é o mais adequado. Esta categoria de manejo vem aparecendo como um processo tecnológico viável, conforme comprovaram algumas experiências (na Amazônia e.g., Araújo, 1998), em que pese a complexa gama de áreas de conhecimento envolvidas (técnicas de engenharia florestal, ecologia, economia, sociologia, área jurídica, etc.). Estas experiências vêm permitindo concluir de forma definitiva que é possível e vantajoso ao pequeno produtor rural praticar o manejo florestal em pequena escala, em bases comunitárias, sendo uma atividade com grande potencial, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento rural na Amazônia.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, H. J. B. **Índices Técnicos da Exploração e Transformação Madeireira em Pequenas Áreas sob Manejo Florestal no PC. Pedro Peixoto - Acre.** Rio Branco: EMBRAPA-CPAF/AC. 1998. 30 p. (EMBRAPA-CPAF/AC. Circular Técnica, 23).

BRASIL. Ministério das Minas e Energias. Departamento Nacional de Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Folha SC. 18 Javari/Contamana; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, 1977. 420 p. (Levantamento de Recursos Naturais, 13).

FUNTAC (Rio Branco, AC). **Plano de Manejo de Uso Múltiplo da floresta Estadual do Antimari.** Rio Branco, 1995. 1v. Projeto94/90 Rev. (3(1), Desenvolvimento Integrado da Amazônia Ocidental Baseado nos Recursos Florestais: Fase II - Tecnologias para a Utilização Sustentável das Matérias-Primas Florestais.

SCOLFORO, J. R. Inventário Florestal. ESAL/FAEPA, Lavras, 1993. 228 p.

Anexo I. Lista de espécies com potencial não-madeireiro. Distribuição horizontal das espécies por tipologia florestal.

Nome vulgar	Abundância		Dominância		Com.	Volume		IVI*
	Abs.	Rel.	Abs.	Rel.		Estq.	Total	
Floresta de várzea								
Andiroba	0,14	0,07	0,01	0,00	0,00	0,02	0,02	0,22
Catuaba-amarela	0,71	0,36	0,33	0,06	0,00	0,51	0,51	1,25
Quinaquina	0,14	0,07	0,04	0,01	0,00	0,06	0,06	0,25
Seringa real	2,00	1,01	1,64	0,32	1,45	1,30	2,74	4,46
Floresta aberta								
Andiroba	0,11	0,05	0,05	0,01	0,00	0,07	0,07	0,16
Copaíba-branca	0,14	0,06	0,05	0,28	0,38	0,43	0,05	0,45
Copaíba-preta	0,21	0,09	0,07	0,40	0,58	0,63	0,05	0,63
Jatobá	0,04	0,02	0,01	0,04	0,06	0,06	0,00	0,09
Seringa real	0,79	0,35	0,51	0,09	0,38	0,34	0,71	1,29
Seringarana	0,04	0,02	0,02	0,00	0,00	0,02	0,02	0,06
Sorva	0,25	0,11	0,08	0,01	0,00	0,10	0,10	0,35
Floresta de bambu								
Catuaba-amarela	2,00	0,96	1,65	0,27	1,59	0,73	2,32	3,80
Caucho	0,50	0,24	0,15	0,02	0,00	0,18	0,18	0,79
Pau-d'arco	3,50	1,68	1,93	0,31	1,00	1,55	2,54	6,00
Seringa real	2,00	0,96	1,97	0,32	1,13	1,59	2,72	4,12
Seringarana	1,00	0,48	0,25	0,04	0,00	0,31	0,31	1,53
Sorva	1,50	0,72	0,37	0,06	0,00	0,44	0,44	2,28

* Índice de Valor de Importância.

Anexo II. Distribuição horizontal das espécies de palmeiras, de maior ocorrência, por tipologia no inventário florestal no Seringal São Salvador. Mâncio Lima, AC.

Nome vulgar	Abundância		Dominância		Volume			IVI*
	Abs.	Rel.	Abs.	Rel.	Com.	Estq.	Total	
Floresta aberta								
Açaí solteiro	6,36	2,78	0,13	0,78	0,00	0,91	0,91	5,79
Ouricuri	9,36	4,10	0,51	3,00	0,07	3,86	3,78	9,00
Buriti	2,07	0,91	0,20	1,20	0,13	1,64	1,51	2,54
Inajá	0,07	0,03	0,00	0,03	0,00	0,03	0,03	0,11
Mururu	0,71	0,31	0,02	0,12	0,00	0,15	0,15	0,92
Patauá	9,11	3,99	0,37	2,16	0,00	2,69	2,69	8,59
Paxiubão	28,36	12,41	1,27	7,45	0,00	9,37	9,37	22,83
Paxiubarana	0,29	0,13	0,02	0,10	0,00	0,13	0,13	0,44
Paxiubinha	1,46	0,64	0,03	0,19	0,00	0,22	0,22	1,59
Piaçava	1,61	0,70	0,07	0,39	0,00	0,49	0,49	1,96
Tucumã	3,75	1,64	0,32	1,86	1,41	2,83	1,42	5,24
Floresta de bambu								
Açaí solteiro	7,00	3,36	0,16	0,98	0,00	1,10	1,10	7,12
Ouricuri	18,50	8,87	1,09	6,65	0,00	8,27	8,27	18,71
Mururu	2,50	1,20	0,08	0,52	0,00	0,61	0,61	2,91
Patauá	4,00	1,92	0,15	0,93	0,00	1,10	1,10	4,44
Tucumã	0,50	0,24	0,01	0,08	0,00	0,09	0,09	0,71

* Índice de Valor de Importância.

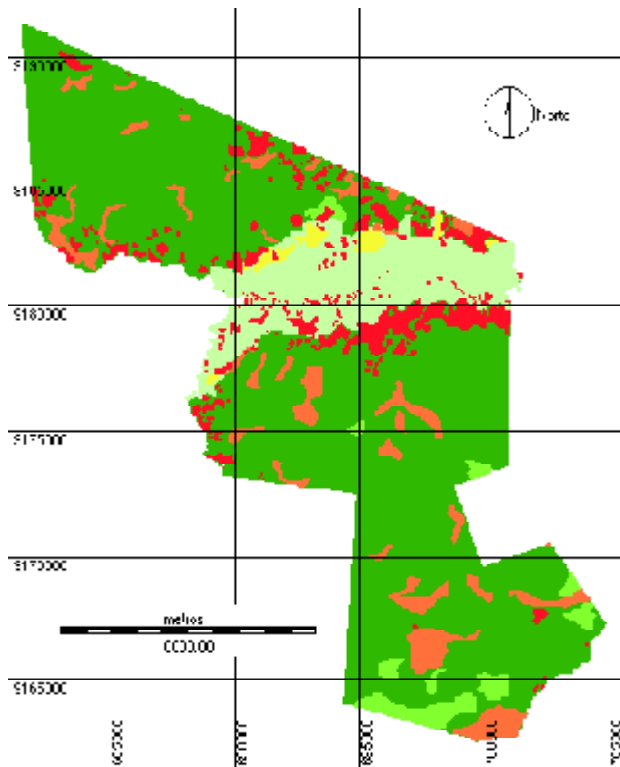
Anexo III. Levantamento preliminar dos principais animais da fauna silvestre, observados durante a realização do inventário florestal no Seringal São Salvador. Mâncio Lima, AC.

Ecossistema	Estação amostral	Números de animais observados		
		Aves	Mamíferos	Répteis
Várzea	2	18	13	7
Terra firme	1	8	6	4
	3	7	12	2
	5	14	19	2
Total	11	47	50	15

Animais mais freqüentes: nambu, porco-do-mato, anta, tatu, macaco, quati, tatu.

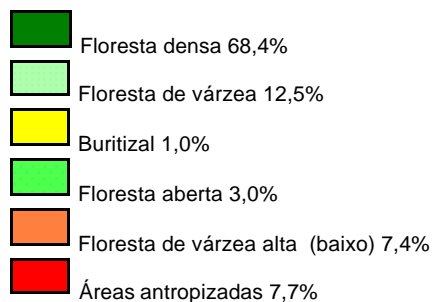
Outros animais observados em menor freqüência: veado, cutia, paca, capivara, onça, jabuti, jacu e jacamim, entre outros.

Anexo IV. Mapa esquemático da vegetação predominante no Seringal São Salvador.



Projeção UTM 18L

Interpretação da Imagem Landsat 7 TM Banda 543 RGB Cena 005_065 de 06-8-1999



Anexo V. Lista de espécies que ocorrem no Seringal São Salvador, de acordo com os dados do inventário florestal. Mâncio Lima, AC, 1999.

Nome vulgar	Nome científico	Família	FV	Uso
Abiu	<i>Pouteria</i> sp.	Sapotaceae	A	2;3
Abiu-manso	<i>Pouteria</i> sp.	Sapotaceae	A	2;3
Abiu-bravo	<i>Pouteria</i> sp.	Sapotaceae	A	1;3;8
Abiurana	<i>Pouteria</i> sp.	Sapotaceae	A	3;5
Abiurana-abiu	<i>Micropholis</i> sp.	Sapotaceae	A	3;5
Abiurana-amarela	<i>Lindackeria paludosa</i> (Benth.) Gilg.	Flacourtiaceae	A	5;8
Abiurana-bacuri	<i>Chrysophyllum</i> sp.	Sapotaceae	A	3;5
Abiurana-branca	<i>Micropholis venulosa</i>	Sapotaceae	A	1
Abiurana-caçaça	<i>Ecclinusa</i> sp.	Sapotaceae	A	1;2;5
Abiurana-casca-fina	<i>Pouteria</i> sp.	Sapotaceae	A	5;8
Abiurana-de-massa	<i>Urbanella</i> sp.	Sapotaceae	A	3;5;8
Abiurana-de-quina	<i>Platypodium</i> sp.	Fabaceae	A	-
Abiurana-folha-cinzenta	<i>Chrysophyllum auratum</i> Miq.	Sapotaceae	A	3;5
Abiurana-folha-grande	<i>Ecclinusa</i> sp.	Sapotaceae	A	3;5
Abiurana-folha-lisa	<i>Micropholis guyanensis</i> Pierre	Sapotaceae	A	5;8
Abiurana-preta	<i>Ecclinusa</i> sp.	Sapotaceae	A	1;3;5
Abiurana-sabiá	<i>Chrysophyllum prieurii</i>	Sapotaceae	A	5
Açacu	<i>Hura crepitans</i> L.	Euphorbiaceae	A	1;3
Açaí	<i>Euterpe precatoria</i> M.	Arecaceae	P	2;3;6;8
Acariquara	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	Olcaceae	A	1;2;3;10
Acariquara-branca	<i>Geissospermum reticulatum</i>	Apocynaceae	A	3;4;5
Acariquarana	<i>Siparuna</i> sp.	Monimiaceae	A	1;8
Aguano-branco	<i>Vismia</i> sp.	Clusiaceae	A	5;8
Algodão-bravo	<i>Ochroma pyramidale</i> Urb.	Bombacaceae	A	8;9
Algodoeiro	<i>Ochroma pyramidale</i> Urb.	Bombacaceae	A	8;9
Amarelão	<i>Aspidosperma vargasii</i> A. DC.	Apocynaceae	A	1
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Meliaceae	A	1;4
Angelca	<i>Drypetes variabilis</i> Vitt.	Euphorbiaceae	A	8
Angelca-preta	<i>Cassipourea</i> sp.	Rhizophoraceae	A	8
Angelim	<i>Hymenolobium</i> sp.	Fabaceae	A	1
Angelim-amargoso	<i>Vatairea</i> sp.	Fabaceae	A	1;5
Angelim-pedra	ni	Fabaceae	A	1
Angelim-preto	ni	Fabaceae	A	1
Angelim-de-várzea	ni	Fabaceae	A	1

Continua...

Anexo V. Continuação.

Nome vulgar	Nome científico	Família	FV	Uso
Angico	<i>Parkia</i> sp.	Mimosaceae	A	1;2;3;4
Apuí	<i>Ficus</i> sp.	Moraceae	A	3
Apuí-amarelo	<i>Ficus frondosa</i>	Moraceae	A	3
Arabá	<i>Swartzia platygynae</i> Ducke	Caesalpiniaceae	A	3;8
Araçá	<i>Eugenia</i> sp.	Myrtaceae	A	-
Araçá-bravo	<i>Eugenia</i> sp.	Myrtaceae	A	-
Araçá-goiaba	<i>Psidium araca</i> Raddi	Myrtaceae	A	2;3
Arapari	<i>Macrobium acaciaefolium</i> Benth.	Caesalpiniaceae	A	10
Aroeira	<i>Astronium lecontei</i> Ducke	Anacardiaceae	A	1
Ata	<i>Rollinia exsacca</i> (Dun.) DC.	Annonaceae	A	2;3
Ata-branca	<i>Annona</i> sp.	Annonaceae	A	3
Bacuri	<i>Rheedia brasiliensis</i> Mart.	Clusiaceae	A	2;3
Bacuri-azedo	<i>Rheedia acuminata</i> Tr. & Pl.	Clusiaceae	A	2;3
Bacuri-de-anta	<i>Platonia insignis</i> Mart.	Clusiaceae	A	1;2;3;8
Bafo-de-boi	ni	Chrysobalanaceae	A	3;5
Bálsamo	<i>Myroxylon balsamum</i> Harms.	Fabaceae	A	1;4;5
Barriguda	ni	ni	A	-
Bofe-de-anta	<i>Cavanillesia</i> sp.	Bombacaceae	A	7
Breu	<i>Protium</i> sp.	Burseraceae	A	3
Breu-bravo	ni	ni	A	-
Breu-de-leite	<i>Thyrsodium herrerenense</i> D. Daly	Anacardiaceae	A	1
Breu-manga	<i>Protium tenuifolium</i>	Burseraceae	A	3
Breu-pitomba	<i>Toulicia</i> sp.	Sapindaceae	A	8
Breu-preto	ni	ni	A	-
Breu-verde	<i>Protium unifoliolatum</i>	Burseraceae	A	-
Breu-vermelho	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart	Burseraceae	A	1;2;3;5
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Arecaceae	P	2;3;9
Burra-leiteira	<i>Sapium marmieri</i> Hub.	Euphorbiaceae	A	-
Buxixu	<i>Miconia</i> sp.	Melastomataceae	A	-
Cabelo-de-cutia	<i>Banara nitida</i>	Flacourtiaceae	A	5
Cacau	<i>Theobroma cacao</i> L.	Sterculiaceae	A	2;3;9
Cacauí	<i>Theobroma sylvestris</i> Mart.	Sterculiaceae	A	2;3
Cacau-jacaré	<i>Herrania</i> sp.	Sterculiaceae	A	2;3
Caferana	<i>Casearia</i> sp.	Flacourtiaceae	A	8
Caferana-brava	ni	ni	Ar	-
Cafezinho	<i>Ampelocera ruzii</i> Kuhl	Ulmaceae	A	1;3;5
Cajá	<i>Spondias lutea</i> L.	Anacardiaceae	A	2;3;8
Cajarana	<i>Spondias testudinis</i> Mitchell & Daly	Anacardiaceae	A	2;3;8
Cajueirinho	<i>Trichilia</i> sp.	Meliaceae	A	3;5;8
Cajuzinho	<i>Cathedra acuminata</i>	Olacaceae	A	3

Continua...

Anexo V. Continuação.

Nome vulgar	Nome científico	Família	FV	Uso
Canela-de-veado	<i>Amaioua</i> sp.	Rubiaceae	A	-
Canela-de-velho	<i>Rinorea pubiflora</i>	Violaceae	A	5;8
Capoeiro	<i>Colubrina acreana</i>	Rhamnaceae	A	1
Carapanaúba	<i>Aspidosperma</i> sp.	Apocynaceae	A	4;5
Carapanaúba-amarela	<i>Aspidosperma auriculatum</i>	Apocynaceae	A	4;5
Carapanaúba-preta	<i>Aspidosperma oblongum</i> A. DC.	Apocynaceae	A	4;5
Caripé	<i>Licania</i> sp.	Chrysobalanaceae	A	-
Caripé-branco	<i>Hirtella</i> sp.	Chrysobalanaceae	A	8
Caripé-preto	ni	ni	A	-
Caripé-roxo	<i>Licania arborea</i>	Chrysobalanaceae	A	1;7
Caripé-vermelho	<i>Licania apetala</i>	Chrysobalanaceae	A	5;8
Caroba	<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.) D. Don.	Bignoniaceae	A	1
Carocinho	ni	ni	A	-
Carrapateira	<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae	A	4
Casca-grossa	<i>Cybianthus</i> sp.	Myrsinaceae	A	-
Castanha-de-porco	<i>Glycidendron amazonicum</i>	Euphorbiaceae	A	-
Castanha-fedorenta	<i>Gustavia longifolia</i> Núñez	Lecythidaceae	A	-
Castanharana	<i>Eschweilera odorata</i> (Poepp.) Miers.	Lecythidaceae	A	3;8
Castanhola	<i>Caryodendron</i> sp.	Euphorbiaceae	A	2;3;5
Catuaba	<i>Qualea tesmannii</i> Mildbr.	Vochysiaceae	A	1;4
Caucho	<i>Castilla ulei</i> Warburg.	Moraceae	A	2;3;9
Cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	Meliaceae	A	1
Cedro-água	ni	ni	A	1;10
Cedro-mara	ni	ni	A	-
Cernambi-de-índio	<i>Drypetes</i> sp.	Euphorbiaceae	A	1
Cipaúba	ni	ni	A	-
Coaçu	<i>Coccoloba</i> sp.	Polygonaceae	A	5
Coco-inajá	<i>Maximiliana maripa</i> (Correa) Drude.	Arecaceae	P	3
Coité-brava	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Lecythidaceae	A	3
Copaíba	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	Caesalpiniaceae	A	1;4
Copaibarana	<i>Phyllocarpus riedellii</i> Tul.	Caesalpiniaceae	A	3
Copinho	<i>Lafoensia</i> sp.	Lythraceae	A	3
Coração-de-boi	<i>Albizia</i> sp.	Mimosaceae	A	1
Coração-de-negro	ni	ni	A	-
Corrimboque	<i>Cariniana</i> sp.	Lythraceae	A	1
Cumaru-cetim	<i>Apuleia molaris</i>	Caesalpiniaceae	A	1
Cupuaçu	<i>Theobroma</i> sp.	Sterculiaceae	A	2;3
Cupuaçu-bravo	<i>Theobroma obovatum</i>	Sterculiaceae	A	2;3
Desconhecida	ni	ni	A	-

Continua...

Anexo V. Continuação.

Nome vulgar	Nome científico	Família	FV	Uso
Embiratanha	<i>Pseudobombax coriacea</i>	Bombaceae	A	9
Encurreira	ni	ni	A	-
Envira-bobó	<i>Guattria</i> sp.	Annonaceae	A	8
Envira-chatá	ni	ni	A	-
Envira-conduru	<i>Duguetia macrophylla</i>	Annonaceae	A	8
Envira-de-porco	<i>Anaxagorea dalichocarpa</i> S. & Sandw.	Annonaceae	A	8
Envira-ferro	<i>Oxandra</i> sp.	Annonaceae	A	3;8
Envira-iôdo	<i>Ampelocera edentula</i> Kuhl.	Ulmaceae	A	-
Envira-manga-de-anta	<i>Diclinanona</i> sp.	Annonaceae	A	3
Envira-pente-de-macaco	<i>Apeiba echinata</i> Gaertn.	Tiliaceae	A	7
Envira-piaca	ni	Fabaceae	A	5;8
Envira-preta	<i>Ephadranthus guianensis</i>	Annonaceae	A	8
Envira-sangue	<i>Diploptropis</i> sp.	Fabaceae	A	5
Envira-sapotinha	<i>Quararibea guianensis</i> Aubl.	Bombacaceae	A	8
Envira-vermelha	ni	Annonaceae	A	5;8
Espinheiro-amarelo	ni	ni	A	-
Espinheiro-de-leite	ni	ni	A	-
Espinheiro-preto	<i>Acacia pollyphylla</i> A. DC.	Mimosaceae	A	5
Estalador-chiador	ni	ni	A	-
Falso-angelim	ni	ni	A	-
Falso-lacre	ni	ni	A	-
Falso-pau-brasil	ni	ni	A	-
Falsa-sorva	<i>Batocarpus</i> sp.	Moraceae	A	5
Farinha-seca	<i>Celtis</i> sp.	Ulmaceae	A	1;3;5
Fava-branca	<i>Piptadenia</i> sp.	Mimosaceae	A	8
Feijão-bravo	<i>Ormosia</i> sp.	Fabaceae	A	3
Feijão-de-tucano	ni	ni	A	-
Feijãozinho	<i>Clitoria</i> sp.	Fabaceae	A	5
Freijó-branco	<i>Cordia</i> sp.	Boraginaceae	A	3
Freijó-preto	<i>Cordia goeldiana</i> Hub.	Boraginaceae	A	8
Freijó	<i>Cordia nodosa</i> Lam.	Boraginaceae	A	-
Fruto-de-macaco	ni	Flacourtiaceae	A	-
Gameleira	<i>Ficus</i> sp.	Moraceae	A	3;9
Gamelinha	<i>Ficus gameleira</i>	Moraceae	A	3
Gema-de-ovo	ni	Rubiaceae	A	1
Gogó-de-guariba	<i>Leonia glyxicarpa</i>	Violaceae	A	3
Grão-de-galo	<i>Tabernaemontana heptanphyllum</i>	Apocynaceae	A	3;8
Guariúba	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	Moraceae	A	10

Continua...

Anexo V. Continuação.

Nome vulgar	Nome científico	Família	FV	Uso
Imbaúba	<i>Cecropia</i> sp.	Cecropiaceae	A	3
Imbaúba-benguê	<i>Pourouma aspenae</i>	Cecropiaceae	A	-
Imbaúba-branca	<i>Cecropia leucoma</i>	Cecropiaceae	A	-
Imbaúba-da-várzea	<i>Cecropia</i> sp.	Cecropiaceae	A	3
Imbaúba-gigante	<i>Cecropia sciadophylla</i>	Cecropiaceae	A	3
Imbaúba-torém	ni	Cecropiaceae	A	-
Imbirindiba-preta	<i>Terminalia</i> sp.	Combretaceae	A	1;3
Ingá-boi	ni	Mimosaceae	A	-
Ingá-branca	ni	Mimosaceae	A	-
Ingá-branca-peludo	<i>Inga tomentosa</i>	Mimosaceae	A	2;3;5
Ingá-chata	ni	Mimosaceae	A	-
Ingá-copaíba	<i>Inga</i> sp.	Mimosaceae	A	2;3;5
Ingá-de-leite	ni	Mimosaceae	A	-
Ingá-ferro	<i>Inga</i> sp.	Mimosaceae	A	2;3;5
Ingá-folha-peluda	<i>Inga velutina</i>	Mimosaceae	A	2;3;5
Ingá-mirim	<i>Inga</i> sp.	Mimosaceae	A	2;3;5
Ingá-peluda	<i>Inga velutina</i>	Mimosaceae	A	2;3;5
Ingá-sangue	ni	Mimosaceae	A	-
Ingá-verde	<i>Pithecellobium</i> sp.	Mimosaceae	A	-
Ingá-vermelha	<i>Inga thibaudina</i> DC.	Mimosaceae	A	2;3;5
Inharé	<i>Brosimum alicastrum</i>	Moraceae	A	3
Inharé-amarelo	<i>Brosimum</i> sp.	Moraceae	A	3
Ipê-amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl.) Nichols.	Bignoniaceae	A	1;4;5
Itaubarana	<i>Heisteria ovata</i>	Olacaceae	A	1
Jaca-brava	<i>Sorocea guilleminiana</i> Gad.	Moraceae	A	3
Jacareúba	<i>Calophyllum</i> sp.	Clusiaceae	A	1
Janaguba	<i>Himatanthus succuba</i> (Spruce) Woodson	Apocinaceae	A	4
Jaracatá	<i>Jaracatia spinosa</i> Aubl.	Caricaceae	A	2;3
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Caesalpiniaceae	A	1;2;3;4
Jatobaí	<i>Hymenaea oblongifolia</i> Hub.	Caesalpiniaceae	A	1;2;3;4
Jitô-da-terra-firme	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	A	1;2;3
Jitô-da-várzea	<i>Guarea pterorachis</i> Harms.	Meliaceae	A	1
João-mole	<i>Neea</i> sp.	Nictaginaceae	A	-
Juari	ni	ni	P	-
Laranjinha	<i>Casearia gossypiospermum</i>	Flacourtiaceae	A	1
Limãozinho	<i>Zanthoxylum rhoiifolium</i>	Rutaceae	A	8
Limãozinho-amarelo	ni	ni	A	-
Louro-abacate	<i>Ocotea miriantha</i>	Lauraceae	A	1;3

Continua...

Anexo V. Continuação.

Nome vulgar	Nome científico	Família	FV	Uso
Louro-amarelo	<i>Nectandra</i> sp.	Lauraceae	A	3;8
Louro-caroba	ni	ni	A	-
Louro-chumbo	<i>Licaria</i> sp.	Lauraceae	A	1
Louro-fofo	ni	Lauraceae	A	-
Louro-imbaúba	ni	Lauraceae	A	1;3;5
Louro-preto	<i>Ocotea neesiana</i>	Lauraceae	A	1;3
Macacaúba	<i>Platymiscium duckei</i> Hub.	Fabaceae	A	1
Maçaranduba	<i>Manilkara surinamensis</i> (Miq.) Dub.	Sapotaceae	A	1;3
Macucu	<i>Hirtela</i> sp.	Chrysobalanaceae	A	2;8
Macucu-chiador	<i>Licania</i> sp.	Chrysobalanaceae	A	5;8
Macucu-sangue	<i>Licania latifolia</i> Benth.	Chrysobalanaceae	A	-
Malva-branca	<i>Heliocarpus</i> sp.	Tiliaceae	A	9
Malva-pente-de-macaco	<i>Apeiba timbourbou</i>	Tiliaceae	A	7
Malva-preta	ni	ni	A	-
Mamalu	<i>Calycophyllum acreanum</i>	Rubiaceae	A	1;5
Manitê	<i>Brosimum uleanum</i>	Moraceae	A	1;3
Maparajuba	<i>Pouteria</i> sp.	Sapotaceae	A	3;8
Maraximbé-vermelho	<i>Trichilia pallida</i> Sw.	Meliaceae	A	3;5;8
Marfim-verde	ni	ni	A	-
Matamatá	<i>Eschweilera odorata</i> (Poepp.) Miers.	Lecythidaceae	A	3;8
Maxixe	ni	ni	A	-
Moela-de-mutum	<i>Quiina juruana</i> Ule	Quiinaceae	A	3;5
Mororó-vermelho	<i>Bauhinia</i> sp.	Caesalpiniaceae	A	-
Morototó	<i>Didymopax morototoni</i> Dcne et Planch.	Arecaceae	A	1
Muiratinga	<i>Naucleopsis caloneura</i> Ducke	Moraceae	A	3
Muiraximbé-branco	<i>Trichilia</i> sp.	Meliaceae	A	3;5;8
Mulateiro	<i>Calycophyllum spruceanum</i> Benth.	Rubiaceae	A	1;5
Mulungu	<i>Erithryna glauca</i>	Fabaceae	A	4;6
Mulungu-mole	<i>Erithryna</i> sp.	Fabaceae	A	4;6
Murici	<i>Trichilia</i> sp.	Meliaceae	A	3;5;8
Murmuru	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Arecaceae	P	3
Mururé	<i>Brosimum acutifolium</i> Hub.	Moraceae	A	3;4
Mutamba	<i>Guazuma</i> sp.	Sterculiaceae	A	1
Mututi	<i>Tapura juruana</i> (Ule.) Rizz.	Dichapetalaceae	A	-
Orelhinha	ni	ni	A	-
Ouricuri	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.	Arecaceae	P	2;3;8
Pama-amarela	<i>Pseudolmedia murure</i> Standl.	Moraceae	A	3
Pama-branca	ni	ni	A	-

Continua...

Anexo V. Continuação.

Nome vulgar	Nome científico	Família	FV	Uso
Pama-caucho	<i>Couepia bracteosa</i> Benth.	Chrysobalanaceae	A	-
Pama-ferro	<i>Parinari montana</i> Aubl.	Chrysobalanaceae	A	5;8
Pama-folha-miúda	ni	Moraceae	A	3
Pama-mão-de-gato	ni	Moraceae	A	3
Pama-mão-de-onça	<i>Perebea</i> sp.	Moraceae	A	3
Pama-muiratiga	ni	ni	A	-
Pama-preta	<i>Pseudolmedia laevis</i>	Moraceae	A	3
Patoá	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	Arecaceae	P	2;3;8
Pau-alado	ni	ni	A	-
Pau-brasil	<i>Sickingia tinctoria</i> (H.B.K.) K. Sch.	Rubiaceae	A	1;5
Pau-d'arco-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Bignoniaceae	A	1;4;5
Pau-d'arquinho	<i>Galipea trifoliata</i> Aubl.	Rutaceae	A	8
Pau-de-espinho	<i>Randia</i> sp.	Rubiaceae	A	-
Pau-de-lista	ni	Meliaceae	A	5
Pau-estalador	<i>Rinoreaocarpus</i> sp.	Violaceae	A	8
Pau-garrote	<i>Pradosia</i> sp.	Sapotaceae	A	1;3
Pau-marfim	<i>Agonandra brasiliensis</i> Benth. & Hook.	Opiliaceae	A	1;3
Pau-sangue	<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl.	Fabaceae	A	5;8
Pau-xixuá	<i>Maytenos</i> sp.	Celastraceae	A	4
Paxiubão	<i>Iriartea deltoidea</i> Ruiz & Pav.	Arecaceae	P	3;8
Paxiubarana	<i>Catoblastus</i> sp.	Arecaceae	P	7
Paxiubinha	<i>Socratea exorrhiza</i> Mart.	Arecaceae	P	3;8
Pente-de-macaco	<i>Apeiba echinata</i> Gaertn.	Tiliaceae	A	7
Pereiro	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	Apocinaceae	A	1
Piaçava	ni	ni	P	7
Pintadinho	<i>Poeppigia procera</i> Presl.	Caesalpiniaceae	A	1
Pirarara	<i>Metrodorea flavida</i> K. Krause	Rutaceae	A	5
Pororoca	<i>Martiodendron elatum</i>	Caesalpiniaceae	A	1
Quariquara-amarela	ni	ni	A	-
Quariquara-roxa	ni	ni	A	-
Quina-quina	<i>Guettarda</i> sp.	Rubiaceae	A	4
Quina-quina-amarela	<i>Geissospermum reticulatum</i>	Apocinaceae	A	3;4;5
Sabugueiro	<i>Sambucus</i> sp.	Caprifoliaceae	A	-
Samaúma	<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn.	Bombacaceae	A	1;3
Samaúma-barriguda	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hill.	Bombacaceae	A	1;3
Samaúma-de-tabocal	ni	Bombacaceae	A	-
Samaúma-preta	<i>Ceiba samauma</i>	Bombacaceae	A	1;3

Continua...

Anexo V. Continuação.

Nome vulgar	Nome científico	Família	FV	Uso
São-jão	<i>Cassia lucens</i>	Caesalpiniaceae	A	5
Sapequeiro	<i>Duroia</i> sp.	Rubiaceae	A	-
Sapota	<i>Matisia cf. cordata</i> Humb. & Bonpl.	Bombacaceae	A	1;2;3;8
Seringarana	<i>Sapium</i> sp.	Euphorbiaceae	A	9
Seringuinha	<i>Allophylus</i> sp.	Sapindaceae	A	-
Sorva	<i>Couma macrocarpa</i> Barb. Rodr.	Apocinaceae	A	3;9
Taboarana	<i>Alseis</i> sp.	Rubiaceae	A	5
Taboquinha	<i>Psychotria</i> sp.	Rubiaceae	A	-
Taperebá	<i>Spondias mombin</i> . L.	Anacardiaceae	A	2;3;8
Tarumã	<i>Vitex triflora</i> Vahl.	Verbenaceae	A	1;5
Tauari	<i>Couratari macrosperma</i>	Lecythidaceae	A	1
Taxi-bajaú	ni	ni	A	-
Taxi-preto	<i>Tachigali paniculata</i> Aubl.	Caesalpiniaceae	A	4;5;8
Timbaúba	<i>Enterolobium maximum</i>	Mimisaceae	A	1;3;9
Torém	<i>Pourouma</i> sp.	Cecropiaceae	A	3
Torém-imbaúba	<i>Pourouma</i> sp.	Cecropiaceae	A	2;3
Tucumã	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G.F.W. Meyer.	Arecaceae	P	2;3
Ucuuba-branca	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A. DC.) Mart.	Myristicaceae	A	3
Ucuuba-folha-fina	<i>Virola multiflora</i>	Myristicaceae	A	1;3;5
Ucuuba-preta	<i>Virola multiflora</i>	Myristicaceae	A	1;3;5
Ucuuba-punã	<i>Iryanthera juruensis</i> Warb.	Myristicaceae	A	-
Ucuuba-terra-firme	ni	ni	A	-
Urtiga-branca	<i>Urera</i> sp.	Urticaceae	A	4
Urucurana	<i>Sloanea nitida</i> Benth.	Elaeocarpaceae	A	5;8
Xixá	<i>Sterculia pruriens</i> (Aubl.) K. Schum.	Sterculiaceae	A	8
Xixá-casca-dura	<i>Sterculia elata</i>	Sterculiaceae	A	8
Xixá-casca-grossa	ni	ni	A	-
Xixá-folha-miúda	<i>Cheiloclinium</i> sp.	Hippocrateaceae	A	-

Onde:

ni = não identificado

FV = forma de vida

(A) árvore

(Ar) arbusto

(P) palmeira

Uso = principais utilizações:

(1) madeira

(2) alimentação humana

(3) alimentação de animais silvestres

(4) medicinal

(5) lenha/carvão

(6) ornamental

(7) artesanato

(8) construção rústica

(9) indústria de artefatos

(10) embarcação

(-) indeterminado



Acre



**Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento**

